

# O IMPARCIAL

SEMANARIO INDEPENDENTE

ANNO I

FLORIANOPOLIS, 6 de Agosto de 1916. SANTA CATHARINA

NUM. 18

## EXPEDIENTE D'«O IMPARCIAL»

### ASSIGNATURAS:

Semestre . . . . . 2\$500  
Trimestre . . . . . 1\$500

Toda correspondencia para este jornal deverá ser endereçada á Redacção d'O Imparcial.--Posta restante.--Florianopolis.

## Imprensa Catharinense

A 28 de Julho ultimo, a imprensa catharinense festejou o 85º anniversario da fundação do primeiro jornal que sahio á luz da publicidade em nossa terra—“O Catharinense”, fundado e sob a direcção do inolvidavel patriota general Jeronymo Francisco Coelho.

«O Imparcial», embora tardiamente, congratula-se com seus collegas pela passagem de tão memoravel data.

### DR. JOSÉ ROITEUX

Afim de tomar parte nos trabalhos do Congresso do Estado, chegou, ha dias, a esta capital, o nosso illustrado patricio Sr. Dr. José Arthur Boiteux.

Cumprimentamol-o.

Para assistirmos o baile com que o sympathico Club 12 de Agosto commemorará o anniversario de sua fundação, recebemos delicado convite, firmado pelo nosso distincto amigo sr. Ary Cabral, secretario d'aquella conceituada sociedade recreativa.

Gratos.

## 54º BATALHÃO DE CAÇADORES

Para o longinquo Estado do Matto Grosso, onde a politicagem arvorou a bandeira da revolução, seguiu, a 31 do mez findo, o 54º Batalhão de Caçadores, que se achava aquartelado nesta cidade.

Anteriormente já seguira um contingente do alludido batalhão, com o mesmo destino.

Aos bravos officiaes e valerosos soldados do 54º. «O Imparcial» deseja boa viagem, felicidade e breve regresso a Florianopolis.

## Annita Garibaldi

Passou ante-hontem o anniversario da morte da heroína dos dois mundos, Anna de Jesus Ribeiro (Annita Garibaldi), occorrida em Ravena (Italia), a 4 de Agosto de 1849.

Quando teremos em uma de nossas praças a estatua da valerosa lagunense? Já é tempo de se prestar essa homenagem á memoria da destemida filha de Santa Catharina.

Dias antes de partirem para Matto Grosso, para onde os leva o cumprimento do dever, estiveram em nossa redacção os srs. Arthur Calheiros, João Hemeterio Cabral, Candido Rosa, João Neves, Paschoal Caetano, Antonio dos Santos e alguns outros disciplinados soldados do 54º. Batalhão, cujos nomes ora nos escapam, que nos vieram dar o abraço de despedida.

Agradecidos pela gentileza, desejamos aos jovens militares muitas felicidades.

## O Olho

Commemorando o anniversario da imprensa catharinense, *O Olho*, a sympathica revista habilmente dirigida pelos nossos conterraneos srs. Edmundo Silveira e Dario Gouvêa, publicou uma edição especial, que merece, sem favor, o qualificativo de magnifica.

Traz, na capa, o cliché do primeiro numero d'«O Catharinense» e, na pagina de honra, o retrato do benemerito general Jeronymo Francisco Coelho; no texto encontram-se excellentes artigos e bem trabalhados clichés dos cabeçarios dos diarios d'esta capital.

Felicitamos aos redactores d'«O Olho» pela bella e artistica edição, que honra, sobremaneira, a imprensa do nosso Estado.

Alguns carteiros da repartição postal d'esta capital pedem-nos que, pelas columnas do nosso semanario, amparemos sua antiga pretensão de, quando em serviço, terem passagem gratuita nos bonds, como acontece em outros logares.

Appellamos para a Directoria da C. C. Urbanos, que certamente tomará em consideração o desejo dos zelosos funcionarios, que, a nosso ver, é muito razoavel.

Consta-nos que diversos negociantes, moradores nas circumvisinhanças da capital, não pagam todos os impostos a que estão sujeitos.

Para o caso chamamos a attenção das autoridades competentes.



## Estudemos!

O operariado brasileiro é, em os nossos tempos, amesquinhado, desprezado, jogado ao mais profundo carcere da abominação. É uma verdade incontestável.

Mas não o devia ser. Primeiramente, porque—diremos sem temer protestos—é a alma duma Nação, é o seu condutor mais interessado na sua grandeza; depois, porque, consideremos, não ha razão de se distinguir, entre os homens, os que podem viver cercados dos esplendores fornecidos pela riqueza monetaria, dos que vivem constantemente no labutar que lhes dá o pão suficiente para a sua vida, o agazalho para o seu corpo, embora este não possa ser uma cazaca de alto preço.

Entretanto essa distincção injusta ainda é lei dos nossos dias, para os nossos homens.

E porque?

Veremos uma das causas:—a falta de grandeza intelectual.

O joven de hoje, ao iniciar os seus passos na trilha do trabalho, dá o *adeus* ao estudo, lança os livros para o reinado do desprezo, porque lhe chega ao cerebro a teoria de que nada mais lhe é necessario, afóra a arte, afóra o trabalho.

Começa, então, a viver uma vida mais *livre*; atira se ás noitadas alegres, lança-se ás passeiadas noturnas; entrega-se aos *prazeres* da vida...

E o estudo? Não se lhe pergunta por tal; é couza desnecessaria.

Mais proveitoza é uma noite de *serenata*, onde se façam ouvir modinhas como *A casa branca da serra*, ao acompanhar *choroso* do som das cordas dum violão, do que tres horas de estudo enfadonho, em que se perca o tempo e a vida...

A leitura? Escolhidissima, como se vê:—*As anedotas de Bocage* e outras desse molde.

Tal o joven de hoje; já não se pôde attribuir só ao operario, o de que vinhamos falando; o que dizemos não deixa de se aplicar tambem, embora não o queiramos, a outros moços que se entregam aos passeios constringentes, com a confiança na bolsa do *papae*.

Mas a que viemos, com o nosso frazear, sinão a tratar da cauza do desprezo que, dia a dia, vai sendo dispensado ao operariado?

Abandonemos, pois, qualquer ideia que nos chegue á mente e que tente fazer escorregar-nos a pena; e voltemos á linha traçada para o nosso artigo de hoje.

Como diziamos:—o operario, vendo-se banhado em suor, e com as mãos um tanto grossas, cae no desanimo da vida; entrega-se somente ao seu trabalho diario e... o estudo é desnecessario.

Alguem, sem duvida, terá de estranhar o nosso pensar:—“Que tem o estudo com a classe do individuo? Pois, em verdade, não ha tanta gente que verga o frac e, no entanto... não possui saber?”

Nós nada podemos responder a quem tal nos pergunte, pois que estamos, como sabem os leitores, em pleno imperio do dinheiro...

Portantc, si tal succeder, retiraremos as nossas palavras.

Agora em o nosso seculo, todo luz, todo progresso, toda grandeza, só deve viver quem possue uma cazaca tendo, ainda mais, o cuidado de escoval-a todos os dias...

Ainda ha pouco, um dos nossos mais brilhantes jovens, que cultiva, muito bem, *a nossa portugueza casta linguagem, na da valia*, segundo um articulista, somente porque...era *um simples caixeiro*...

E é assim; fale-se, agora, no estudo, como meio de grandeza...

Fiquemos aqui.

Gustavo NEVES.

O IMPARCIAL acha se á venda na Engraxataria do Sr. João de Mattos, á rua João Pinto.

## ENTERRO DE UMA VIRJEM

(Ao joven cultor da lingua internacional Esperanto—Gustavo Neves)

Tarde esplendente no fulgor magnifico de um dia rutilo em meados de Dezembro, mez em que as cigarras, como frajeis pneumaticos, começam a estostrar, não se divizando nem a mais leve sombra como toldando a brancura immacula da aboléada e, num aglomerado, faixas esvoaçantes, açotadas pelo sopro fragilissimo duma arajem nordestina, ao lonje, num atalho circumdado por verdes sarcaes, as virgens, como querubins fervidos das fervidas alvoradas, conduzem num caixão,—como aquele de que nos fala o poeta—caixão pequenino, estreito, infantil,—uma outra virgem que, morta nos braços da vida, galgára um trono—o tumulo, e um diadema feito de estemas de brilhantes e de rubis raros—o Céu.

E esse conjunto expressivo de corações entrelaçados num misto anjélico de carinho, mãosinhas delicadas e pés proprios para suste-rem uma estrutura alabastina de contornos celicos, marcha levando a companheira, que vae repoi-sar eternamente, lonje do bulicio esoterico das palrações damninhas, na paz tranquila da nenia dos ciprestes...

A cena, por comovente aos corações, nem por isso deixa de ter um atrativo garrulo, onde a mocidade fulje em plena seiva de vida, no triclinio astral do amor... Dos labios das virgens, formadas em longa ala, de quando em vez, transparece um riso jovial a par dum que retratante de místico e de eterco, na prefuljencia de um marmôr sutil espelhante e por espelhar as faces da donzella, como no retrahimento acrizolado de fluido que dêsse o jésto, por começar, duma entoação salmodiante ou um cantochão funebre oblativo, como um preito de amizade, que é o ultimo carinho que prestam áquela que, ali, dentro do pequenino ataude, jaz inanimada, rijida, granitica para sempre.

Assim, o prestito avança, morozo, todo respeito, em quanto do alto, proximo á Necropole, ao lonje, na ultima fimbria do Potente, se diviza vus lonjes de iriozo:—é o sol que mergulha nos arcanos impenetraveis do ignoto,

ao mesmo tempo que rebôa no espaço, o tim-blanc metalico do sino, suspenso no alto de uma torre, annunciando as Aves-Maria. Eis o ponto termino da tragedia humana:—o enterro entra, lá em baixo, na ante-penultima fila de carneiros, na fria profundidade de sete palmos, está o leito extremo onde a morte paira na mudez extrema.

Chegado o cortejo no logar destinado onde vae guardar aquela que em vida fora a reliquia de uns paes amados, postados dois homens—são os coveiros—segurando nos cabos da pá e da enxada, parecem que dizem—pronto, enquanto do outro lado, atado aos cordeis, o caixão desce e balança vagaroso, sustido por quatro virjens que, ante o espetaculo commovedor da estinção de um sêr da face do orbe, sentem a sistole em compressão com a diastole... Lagrimas, como petalas vindas do Empirio, umedecem a terra que em breve ha de ser um pequeno canteiro galhardo.

Descido, os coveiros em grossas camadas do visguento barro, conjuntamente com o cal, começam por fazer desaparecer a materia, tapando a cóva até ficar um abaolado, o qual pronto, numa espiação de rozas, as virgens jogam, sobre uma outra roza, um turbilhão de rozas...

Nelson de Almeida Coelho.

## De semana em semana

Registamos com muita admiração que nesta semana tivemos dias bellissimos. Calidas e porticas manhãs e tardes amenas e romanticas.

O inverno que parecia a principio querer enregelar, encher de inercia os nossos membros, têm se tornado complascente e até complascente de mais.

A' tardinha quando o crepusculo com seu letrico cortejo vem fazer a sua costumada visita, o frio se faz sentir com maior intensidade. E' que elle costuma tomar parte no phantastico cortejo crepuscular...

Pela madrugada, quando da Aurora o bello clarão desponta radiante, muito temos sentido a sua impertinencia; mas, quando o sol

(o manto da pobreza), surge triumphante por detraz do morro do Antão, ai do frio, foge esparvorido, logrando somente voltar quando elle descauba para sua morada no Occidente.

Freires, os queridos artistas que nos proporcionaram' uma dezena de noitadas cheias de alegria no «Alvaro de Carvalho» acabam de partir para a Laguna onde os esperam os mesmos francos applausos aqui recebidos.

Com boas fitas e boas peças pelos impagaveis Freires, Julio Moura, o incansavel arrendatario do nosso Theatro, soube organizar bons programmas, razão por que foi uma dezena de noites de continuas enchentes.

Está mais do que provado que o nosso povo prefere antes o cinematographo, os circos de cavalinhos, os transformistas, etc., do que ás companhias dramaticas (!) pois rarissimas vezes uma companhia dramatica consegue levar ao theatro a quantidade de gente que alli affluir para apreciarem os Freires em conjuncto, com os films «Assunta Spina», «Horrores da Guerra» e outros. Por esse motivo, Julio Moura houve por bem transformar o nosso theatro em cinema, satisfazendo assim a vontade, aliás tão commentada, do povo de Florianopolis.

A mór parte dos jornaes que surgem em nossa terra tem vida ephemera—disse-nos em palestra uma vez o nosso amigo e apreciador cultor da Musa, Geraldino Azevedo. Bastante razão tinha para assim se exprimir, pois não se pode negar a infinidade de jornaes que morrem em terra florescencia da vida...

Mas, porque razão assim acontece?—perguntamos a nós mesmos.

Por falta de auxilio do nosso povo, unicamente.

«O Imparcial», por exemplo, que tem sido um invencivel campeão em prol das boas causas, devia encontrar no nosso povo e mui especialmente n'aquelles que interessam-se pelo desenvolvimento de nossa terra, os seus maiores admiradores; a nossa mocidade estudiosa a quem elle tem facilitado a publicação de suas producções; os catholicos, a quem elle tem defendido sempre a sua religião, todos esses deviam ser

## AVE MARIA

Maria divinal, toda candura e graça.  
E's a esp'rança do afflicto em con-

(vulsivo pranto;

E's poema de Deus, que em luzes

(entrelaça,

De todo este universo o constel-

(lado manto.

E's a deusa do amor, a deusa da

(ventura;

O sol da redempção que santa luz

(dardeja,

E's a virgem do céu, a ideal, a

(pura...

Bem dita sejas sempre... entre as

(mulheres sejas.

Do livro «Culpa dos paes».

Trajano MARGARIDA.

O IMPARCIAL acha-se á venda na Engraxataria do Sr. João de Mattos, á rua João Pinto.

sustentaculos capazes de não deixal-o vacilar um só passo na jornada, no entretanto tudo tem acontecido contrario ao nosso modo de pensar. Para a publicação d'«O Imparcial» o seu director, luta com as maiores difficuldades, e achamos que é preciso muita boa vontade e resignação para manter-se um jornal neste centro de tão poucos amigos da leitura...

\*

\*

Não obstante o conceituado matutino «O Estado», noticiando que o anniversario da imprensa em nosso Estado, seria commemorado com um lautissimo almoço, passou completamente desapercibida essa grande data da historia Catharinense.

O joven Centro Civico, a quem coubera aquella iniciativa, pela deficiencia encontrada na escolha do «Menu», viu falhar os seus ingentes esforços. E o dia 28 de Julho passou esquecido, como esquecida tão depressa ficou a tão falada herma do brigadeiro Jeronymo Coelho.

Como os homens e as cousas caminham acceleradamente para as regiões tenebrosas do esquecimento!...

Ildesonso JUVENAL.



## Recitando...

Ao Illmo. Snr. Sergio No-  
lasco de Oliveira Paes.

Eu vou contar-vos, senhores,  
A historia de duas flores,  
De duas flores modestas;  
Das violetas mimosas,  
Que causam ciúme ás rosas  
E vivem longe das festas

Em uma tarde outomnal,  
Ao approximar-se o Natal,  
O dia do Deus Menino,  
Eu vi, na sombra occultadas,  
Duas flores abraçadas,  
Amaldiçoando o destino.

Eram violetas mimosas,  
Attrahentes, odorosas,  
Todas de luto vestidas,  
Choravam amargamente,  
N'uma dor triste e pungente,  
Semelhante duas vidas.

A uma d'ellas, eu disse:—  
Dizei-me se é tolice,  
Oh! violeta indiscreta,  
De verterem agres prantos?!  
E ella em soluços tantos,  
Disse: Morreu-me o poeta!...

Morreu-me aquelle que em prantos,  
Celebrisou-me em seus cantos,  
Fez-me rainha das flores,  
E agora nós, desprezadas,  
Sem sermos jámais lembradas,  
Nos contorcemos de dores!...

E as violetas murcharam...  
Tristemente se abraçaram,  
Ambas morrendo juntinhas,  
Nasceram entre tristezas,  
Viveram como princezas,  
E morreram como rainhas!...

Nicolau Nagib Nahas

## Paizagem de inverno

Manhã glacial, em um dia no  
obumbar de Junho; o sol, meio  
intibiado, aos poucochinbos, co-  
meça por pintussillar na abobada  
ainda ensombrada pela saraiva  
densa que cahira sobre a terra du-  
rante a noite, com um esvoaçar  
moroso de fiócos d'algodão, dan-  
do assim, ao aspecto da aldeia, a  
mais pinturesca naturalidade, on-  
de o eximio tracejador debuxará  
á tela o quadro magnífico de

um dia, por começar, na aldeia  
em uma estação de inverno. A'  
proporção que as horas decorriam,  
o céu ia se tornando, de espaço a  
espaço, limpido, deixando transpa-  
recer as montanhas,—ornamentos  
artísticos da natureza,—ao longe  
verdejantes.

As aroeiras, copadas e atovidas  
por baguinhas encarnadas que ser-  
vem de alimento aos poetas canto-  
res da natura, dá as suas folhas  
a semelhança de crystaes, espe-  
lhantes pelo sereno que recebe-  
ram.

Contornando o espaço ou pou-  
sando pelas ramagens que dão  
belleza a uma cascata, onde as  
aguas murmuram levam em sua  
corrente branquiça e cadenciada  
numa chusma de doirados peixi-  
nhos, as arapongas,—como um  
exercito de garulhos infantes,—  
em alaridos agudos, jubilosos, sau-  
dam o dia. Distante, numa estra-  
da pedregosa, ladeada por um  
matagal damninho, um boi atado  
á cauda fazendo girar as rodas de  
um carro, fouchinho rastejante sor-  
vendo uma poeira amarelenta, cam-  
minha obediente á flexível vara  
manejada pela mão agil e callosa  
da creatura gozante do silencio  
que é o camponio.

As rodas do carro, bem azeita-  
das,—segundo o rito exigido pelo  
uzo da aldeia,—rangendo forte-  
mente, fazem uma harmonia bi-  
zarra, sonancia variavel que che-  
ga aos ouvidos de todos, ao mes-  
mo tempo, que o homem sempre á  
frente, as vezes baforando no es-  
paço uma camada de fumaca ti-  
rada do seu cigarro *relogio* ou  
*papa-terra*, segundo a gyria, tó-  
ca a andar, moroso, e, na mesma  
morosidade estafante, vae galgan-  
do terreno...

Os aldeões, com a chegada do  
dia, procuram produzir:—a lufa-  
lufa continua, afanosamente, na  
faina insaciavel de produzir o mais  
possível, como se julgando invul-  
neraveis.

E no lidar continuo, estafante,  
ao mesmo tempo que bizarro pe-  
lo gracejo de um dito soltado á  
guiza de mostrar uns dentinhos  
alvos, que até então estavam en-  
cobertos por uns labios rosados, o  
o sol meio intibiado, aos pouca-  
chinbos, começa por pintussillar  
na abobada, a qual vae se tor-  
nando escura pelo lusco-fusco da  
noite, mostrando Venus, ao lon-  
ge, espelhante de um vivido cla-  
rão de ornamento artistico da na-

tureza,—emquanto os bons cam-  
ponios, vão gozar do repoizo de  
uma noite, na tranquillidade do  
lar, na quietude deserta de uma  
aldeia quieta...

Nelson de Almeida Coelho.

## ATHEU!

Atheu não é só o africano que  
habita em desertos ignotos e nun-  
ca ouviu fallar de um Creator;  
atheu não é só o rustico campo-  
nez, cuja intelligencia não pode  
comprender a necessidade da  
religião; atheu não é ainda sómen-  
te o selvicola temido que se oc-  
ulta na espessura das mattas, on-  
de ainda não penetrou a pratica  
da palavra sagrada; atheu é tam-  
bem o sabio, aquelle que quoti-  
dianamente se occupa em medita-  
ções profundas, que reconhece a  
superioridade d'um espirito divino  
que o rege, e, comtudo, não ad-  
mitte a existencia de um Deus.

Este é o verdadeiro atheu, pe-  
rante os seus couheçimentos e pe-  
rante a sua propria consciencia!...

João G. Melchiades de Souza.

Fpolis, 17-7-16.

## Tiro 40

Sabemos que o patriótico Tiro  
40 conta actualmente cerca de  
250 associados, dos quaes 104  
recebem instrucção militar.

O Posto da Palhoça tem 84  
socios e o de S. José, recente-  
mente fundado, 62.

Para esse extraordinario des-  
envolvimento do Tiro 40 muito  
tem trabalhado a sua actual Di-  
rectoria e o illustrê militar Sr.  
Capitão Antonio Souza, a quem  
a util aggremação deve inestima-  
veis serviços.

Nô presente numero escaparam  
á revisão alguns erros, Espera-  
mos que os leitores nos descul-  
parão.